



Simão Figueira de Sousa

DADOS BIOGRÁFICOS

Nasceu na freguesia de Câmara de Lobos, a 28 de Outubro de 1860 e faleceu a 1 de Junho de 1928.

Era filho de António Figueira de Sousa e de D. Maria Balbina de Sousa e tio da Professora D. Armida Figueira de Sousa.

Foi empregado na secção de máquinas, do «Bazar do Povo», tendo sido o inventor do aparelho condutor do dinheiro para o caixa, existente ainda naquele estabelecimento comercial. Foi conhecido pelo alcunha de *Simão das Máquinas*. Foi um auto-didata. Dedicou-se à poesia e ao charadismo, tendo sido um Poeta e um Édipo de merecimento. Embarcou para Demerara, em 1894, regressando à Madeira, em 1900.

Colaborou no «Diário Popular», «Diário de Notícias», «Almanaque de Lembranças Madeirense». «Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro» e noutras publicações e deixou um livro de poesias manuscrito¹.

¹ MARINO, Luís. *Musa Insular*.

MULHERES ²

UMA SOLTEIRA

I

Com ares de quem estava apaixonada
Dizia-me sempre a gentil Maria:
—«Se este nosso amor acabar um dia,
Deixo de comer ‘té findar mirrada!

E quando essa esperança me sorria
Como a vívida luz duma alvorada,
Fui desprezado pela minha amada
Acabando p’ra mim toda a alegria!...

Sua habitação não mais foi aberta,
Não mais pude ver, minha doce houri...
Deixou-se finar— a coisa foi certa!

.....

Quase meio ano, já lá ia ao cabo,
Quando num arraial mui alegre a vi,
De boa saúde—gorda *como um nabo!!!*

² In MARINO, Luís. *Musa Insular*.

UMA CASADA

II

Paulo Escórcio e Ilda Rafael
Acabaram de casar—são dois pombinhos.
Um dia lhe diz ela com carinhos
—«P’ra nós não findará a lua de mel!...»

Neste lar de alegria e de socêgo
Hei-de viver feliz sempre a teu lado.
Toda a vida serás por mim amado,
Meu velhinho!... oh meu tudo!.. oh meu conchego!

Apenas quatro meses são passados
Quando eu soube, estavam separados!
(Sonhadores vejam lá o que são mulheres!)

Ela atraíçoando o pobre Escórcio.
Ainda contra ele requer divórcio
E por causa de quê?— dum primo alferes!

UMA VIÚVA

III

Oh meu marido! oh meu tão bom amigo!
P'ra que deixaste a minha companhia?...
Eu quero morrer!... eu quero ir contigo.
P'ra a mesma campa, horripilante e fria!!!

Pois sem ter quem me guie, quem me conforte.
Neste mundo só de espinhos e abrolhos,
Que lenitivo espero? a negra morte!
A vir pôr termo ao pranto dos meus olhos!!!

—Mas alguém lhe diz:— «Tenha paciência!
Nunca seca uma fonte a Providência.
Que não faça verter logo umas três».

Oh meu Deus! já não choro se isso é certo!
Porque devem andar por aqui perto,
Uns dois ou três maridos duma vez!...

TRISTEZAS^{3, 4}

(Junto do mar)

A minha mãe.

*De longe, nessa aragem do oceano,
lhe vinha o meigo som de quem chorava.*

Joaquim Pestana

Eu quero estar aqui, a ouvir gemer o mar,
Que lenitivo dá às minhas grandes mágoas!...
Oh! deixem-me aqui só, mirando as turvas águas...
Bebendo a viração que vem lá do meu lar.

Mas que sentidos sons, me chegam aos ouvidos!...
Alguém chora por mim; ó brisa mensageira,
De quem colheste os ais, que trazes da Madeira?
Por piedade me diz: quem solta estes gemidos?

Há muito que deixei o meu torrão amado,
E aqui sempre infeliz, de todos olvidado,
Quem lá por mim suspira? Oh brisa diz-me—quem?!

.....
A noite baixa triste! eu olho o firmamento,
E no gemer do mar, no soluçar do vento,
Distintamente eu ouço, a voz de minha mãe!

Demerara, 1 de Janeiro de 1898.

³ In Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1899. Lisboa, 1898, pág 114.

⁴ In MARINO, Luís. Musa Insular.

NOSTALGIA ⁵

(Ao partir para a Madeira a barca «Felisberta»)

Veleja, barca, veleja...
Vae correr por esse mar,
Outras paragens buscando,
Que eu cá fico supportando
As saudades de meu lar.

Abre as tuas azas brancas
Como um cysne sobre as aguas!
Assim ao ver-te partir...
Podesse eu tambem fugir
Ou fugissem minhas maguas!

Tu foste, ó barca gentil,
Que em teu seio me trouxeste
Da minha terrap'r'aqui;
Pois desfaz o que fizeste:
Leva-me aonde eu nasci!

Mas beijada pela aragem
Vaes essas aguas singrando
A fugir de mim, ligeira,
Deixando a plaga estrangeira
D'onde te aceno chorando!

Segue feliz p'ra Madeira
P'ra essa ilha tãobella, —
E diz à patria que eu amo:
O pranto que aqui derramo,
Por me ver tão longed'ella!

⁵ Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1899. Lisboa, 1898, pág. 260.

Conta ao mar da minha terra,
Quando elle te emballar,
As minhas acerbas maguas;
Vivendo sem ver as aguas
Do meu qu'rido e patrio mar!

Dirige um saudoso aceno
Com tuas velas erguidas
Aos regatos, aos rochedos,
A's aves, aos arvoredos.
E às lindas varzeas floridas!

Oh! Entrega às dôces brizas
Lá do meu patrio jardim!
A's brisas que de lá vem
Saudades que eu mando aalguem
Se alguem ha, que pense em mim!

Simão F. de Sousa (Demerara)

DE VOLTA À CASA PATERNA ⁶

(à minha sobrinha Arminda, depois da sua longa doença)

*Depois de procelosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilhante vento,
Trás a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento:
.....
CAMÕES — «Luziadas»*

Tu tens sido uma mártir, na verdade,
Em dez meses de tanto sofrimento...
Longe dos teus, o espinho da saudade
Aumentou, ainda mais, o teu tormento!

Mas a esp'rança, qual luz na escuridade,
Jamais te abandonou um só momento:
E no horror da tua enfermidade
Não se apossou de ti o desalento!...

Voltaste, qual náufrago, a terra amada,
Ou qual morta, agora ressuscitada,
Triunfando da tua atroz doença!...

Pois neste para nós tão feliz dia,
Usufri os eflúvios da alegria:
Do muito que sofreste—a recompensa!

Inédito.

Câmara de Lobos, 9 de Julho de 1914.

⁶ In MARINO, Luís. *Musa Insular*.